

ZIGGIATTI, Laerte. Um SOS em Campinas, que atende mulheres. Fo-
lha de São Paulo, São Paulo, 26 abr. 1981.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE025363

Um SOS em Campinas, que atende mulheres

*Folha de
São Paulo* LAERTE ZIGGIATTI 26.4.81

As crescentes dificuldades econômicas, sentidas pela população, têm aumentado muito o número de mulheres espancadas, que não têm a menor condição de serem atendidas pelas instituições comuns. Rosina Simalha, advogada em Campinas, preocupada com o problema, resolveu criar, no ano passado, o SOS da Mulher de Campinas.

O SOS é formado por uma equipe de psicólogas, uma antropóloga e uma advogada. Todas elas trabalham como voluntárias, três dias da semana. Apesar da crescente procura por seus serviços, a instituição pode atender apenas cinco mulheres, por dia. Como a entidade não conta com ajuda financeira alguma, sendo os gastos cobertos pelas próprias voluntárias, o atendimento torna-se restrito. Todavia, elas já estão pensando em estender o atendimento para todos os dias da semana.

O primeiro contato da cliente com a organização é feito através de uma psicóloga, que a encaminha para o setor mais conveniente ao problema apresentado. Em casos de desquite, abandono pelo marido, espancamento ou pensão alimentícia, ela será levada para a assessoria jurídica da entidade. Se a questão for de ordem psicológica, será fornecida à cliente terapia de apoio gratuita e, caso haja necessidade de atendimento médico, por exemplo, em caso de estupro, o SOS mantém contato com médicos que se dispuseram a colaborar.

Para o SOS, é fundamental que a mulher conscientize-se da necessidade de sua independência econômica — relativa, na opinião de Maria José Taude, estudante de antropologia e voluntária do órgão, “porque a mulher é também discriminada no trabalho profissional, outra frente de luta de nossa organização. Porém, o trabalho, pelo menos, faz com a mulher seja menos dependente do homem, pois a opressão no lar tem um claro fundamento econômico. Ao valorizar uma profissão, seja ela qual for, a mulher valoriza-se, criando um espaço onde poderá exercer seus direitos em igualdades de condição”, argumentou.

Nesse sentido, o SOS procura, por meio de orientações pessoais, cursos e conferências, ajudar a mulher a compreender e enfrentar uma contradição presente na sociedade, conforme informou Maria José: “ao mesmo tempo em que a ideologia valoriza a mulher como dona de casa, mãe de família e “santa” do lar, a situação de crise e pobreza força-a a ganhar dinheiro para “ajudar” o marido. Independente da questão de classe, seja rica ou pobre, quando a mulher é abandonada pelo marido é, também, obrigada a enfrentar o mundo, para procurar emprego. Nesse momento, surgem os problemas”.

Mesmo face aos inúmeros problemas financeiros, Maria José demonstra otimismo: “parece que o SOS da Mulher já é muito importante na cidade. Nesse pouco tempo de vida, sentimos que além dos grupos que enviaram mulheres para serem atendidas, existe uma preocupação de várias pessoas em nos conhecer, e saber o que representa nosso trabalho”.